

ARTIGOS

A Produção e a Transmissão do Conhecimento em Terapia Ocupacional.**

Maria Heloisa da Rocha Medeiros*

Sempre que me encontro diante de um título ou de um tema, brota em mim uma avalanche de perguntas. O que será isso? Como pode ser? Por onde caminhar? Onde chegar? Ou seja: minha curiosidade e imaginação se ativam e me impulsionam a entrar em contato com o assunto.

Parece-me que isso é parte comum e inicial do processo de conhecimento. Ao entrarmos em contato com um dado, um fato, uma realidade, utilizamos de uma referência já conhecida para podermos entender o novo, estimulados por esse desconhecido que também dará nova forma à nossa interação com ele.

E diante deste tema específico faço outras perguntas: Como se dá o processo de conhecimento da Terapia Ocupacional? A Terapia Ocupacional é uma área de conhecimento específica? Será então uma ciência? Qual é então seu objeto específico de conhecimento?

Na literatura de T.O. (pouca ou não, importada ou não) temos várias e diferentes respostas a essas questões:

- Que ela é uma ciência; que ela não é uma ciência; que ela tem como seu objeto de conhecimento a atividade humana ou o ser humano em atividade ou a cinética ocupacional, etc...

Isso me leva a fazer outras questões:

- Quem produziu o conhecimento da Terapia Ocupacional?
- Quem o está produzindo?
- Quais os caminhos percorridos para a construção desse conhecimento?
- Qual a mola impulsionadora para seguir tal ou qual caminho ou método?

* Professora Assistente do curso de Graduação em Terapia Ocupacional.

DEPITO/JEP/Ar.

Mestre em Filosofia da Educação.

** Palestra apresentada na mesa redonda do I Congresso Brasileiro de Terapia Ocupacional Recife PE, Julho/89.

O que vemos é que a produção do conhecimento, tanto na T.O. como em outras esferas, segue uma lógica dialética entre a teoria produzida e o contexto social em que este é produzido.

As condições materiais (econômico - políticas) históricas da atividade ou trabalho humana determinam a produção do conhecimento ao mesmo tempo em que são influenciadas pelo conhecimento já produzido.

Estou me referindo aqui, tanto às condições internas quanto externas da produção das ciências e demais modalidades da produção do conhecimento. Pois o conhecimento humano não está restrito às ciências, embora sejam elas que congreguem e legitimem atualmente o modo de se conhecer a realidade como sendo o modo de se captar a verdade da realidade (o mito do conhecimento científico)

Neste sentido é importante lembrar que o conhecimento produzido pelas ciências partem necessariamente do conhecimento produzido pelo senso-comum (experiências cotidianas) que por sua vez se altera, incorporando à sua maneira o produzido pelas ciências. As experiências cotidianas nos permitem dirigir nosso comportamento no mundo. É o senso-comum, p.ex., que me diz, mesmo sem conhecer as leis da física, que se eu puser a mão no fogo eu me queimo, que se eu me jogar de uma janela de um prédio eu caio e talvez até eu morra. De uma certa maneira nossa vida é regida pelo senso-comum.

O senso-crítico (ciências e filosofia, p.ex.) por sua vez, forma-se a partir de um quadro de referência rigoroso e constante, que permite o estabelecimento de hipóteses a respeito do mundo. Mas as relações entre o senso-comum e o senso-crítico são complexas e se estabelecem intensamente.

A questão da verdade é assumida tanto em um modo de conhecimento como em outro: do senso-comum temos as afirmações do tipo - é assim porque é - (dogmatismo), ao lado das afirmações do senso-crítico, que valem-se do argumento de autoridade: porque é científico'

Na terapia ocupacional a coisa não é diferente. Procurando se distanciar do dogmatismo do senso-comum, várias hipóteses e caminhos são procurados para explicar e argumentar a fundamentação de sua prática. Assim são criadas as teorias.

Tentando responder agora aquela questão: "Como e quem produziu o conhecimento da T.O.?", podemos fazer uma breve recapitulação de nossa história, ou melhor, da nossa produção teórica, e verificar as condições materiais para tais ou quais sistematizações ou for-

mulações.

Pinel, 1798; Revolução Francesa (início do capitalismo), França - elabora o modelo do tratamento moral, baseando-se na concepção racionalista e idealista de sua época, quando se privilegia a razão humana como potencialidade máxima e determinante do existir e do conhecer, esboçando um método de tratamento para o doente mental através das atividades regradas e do hábito. Assim o sujeito influenciaria e organizaria seu pensar (valorização do trabalho produtivo).

Esse modo de tratar será rechaçado em todo o séc. XIX, quando se privilegia o materialismo positivista como o modo de conhecer e tratar: ou seja, a partir da materialidade e nela encontrar as leis que a regem e segui-las como formas de se atingir o real (é o predomínio das ciências exatas).

Ao final do séc. XIX início do séc. XX, retomam-se algumas idéias do racionalismo, alteradas pelos novos conhecimentos produzidos pelas ciências positivistas. Na Alemanha, Simon elabora a proposta da laborterapia, bastante semelhante à de Pinel, ao mesmo tempo que estende sua intervenção a todo o contexto de tratamento: deveriam ser tratados não só o paciente, mas o próprio hospital, seus funcionários, etc., com o intuito de revoagar a idéia de irresponsabilidade que era atribuída ao doente mental.

Ao mesmo tempo, Meyer nos EUA, também retoma certos princípios do racionalismo, mas o engloba de uma outra forma: - Sob a influência marcante dos estudos desenvolvidos pela psicologia americana, associa-se aos funcionalistas, sistematizando diretrizes "filosóficas" para a prática da terapia ocupacional.

Mas, segundo Burke e Kielhofner (60 anos de T.O.) um novo paradigma sucedeu a este modelo, nos anos 30-40, levando os terapeutas ocupacionais a modificarem seus discursos, métodos de tratamento e inclusive seu objeto de estudo, assumindo o modelo mecanicista, hegemônico das práticas médicas, e se submetendo às suas prescrições terapêuticas, a seus métodos de intervenção, e conseqüentemente engrossando um sistema de saúde, que privilegiava as especialidades de conhecimento e de prática, implementando e reproduzindo determinado modelo econômico e social (divisão de classes, divisão do saber, divisão do poder, etc.). O que está sendo produzido hoje?

A nível nacional, os livros dos autores aqui presentes, e as teses de mestrados que gradativamente estão sendo concluídas e de alguma forma divulgadas, representam uma parte da produção autóctone dos T.Os.

Mas parece que a gente não acredita nisso, e vivemos reclamando da não produção do T.O. Tivemos, em junho de 89 em Campinas, o II Simpósio Paulista que trouxe também desse tema.

Tivemos, com um tema bastante provocativo, um painel intitulado "A afasia do terapeuta ocupacional" e contamos com dois especialistas para desenvolverem esse assunto.

Interessante: - Um professor de metodologia do trabalho científico para T.O. defendia a não existência de tal afasia, pois constatava a existência de 428 monografias produzidas só pelos alunos de T.O. da PUCCamp.

- O outro, linguista, já fazendo algumas considerações sobre os sistemas de representações, sobre a produção do senso-crítico e senso-comum a que já me referi, identificava aí uma dificuldade da fala ou escrita, comum a todas as profissões - o silêncio diante do absoluto, do verdadeiro, do científico, autoritariamente transmitido na formação escolar.

Mas isso não é tudo o que se produz em T.O. no Brasil. Temos que lembrar que a produção do conhecimento está sendo feita a cada dia por todos os profissionais que, inconformados com o papel de meros reprodutores de conhecimentos e de técnicas, inventam, questionam, recriam a sua prática.

A divulgação, a transmissão desse conhecimento é que está tendo problemas, a meu ver. Mas a necessidade de comunicação, reclamada há anos, vem sendo respondida maneiramente através desses encontros, simpósios e agora até de congresso entre os terapeutas ocupacionais, além dos cursos regulares de graduação, e dos cursos de aperfeiçoamento e especialização organizados e oferecidos por terapeutas ocupacionais.

Mas isso só parece que não está sendo suficiente, e o apelo para que haja uma Revista de T.O. está se tornando cada vez mais constante. Mais uma vez teremos que arregaçar as mangas e tentar mais essa.

Os terapeutas ocupacionais brasileiros estão "inventando" a terapia ocupacional necessária, ao mesmo tempo que inventam as formas de se organizar e se comunicar.

Mas ninguém começa do zero. De uma certa forma estamos sempre re-inventando, re-criando. Pois não somos uma tribo alienígena, isolada do todo social. Nascemos dele e nele estamos inseridos. E nossa forma de atuação também se dará com ele.

Concluindo: existe uma produção que precisa ser mais divulgada para que possamos construir conjuntamente essa T.O. que está sendo requisitada. E é conjuntamente que melhor poderemos compreender os erros e acertos que estamos fazendo na construção conjunta de um novo modo de assistência necessário e competente.